

A contemplação da influência da ciência sobre a nossa cena, provocou em nós duas **COPIA** tendências contraditórias, ambas a serem recusadas, a saber: cientifismo e anti-cientifismo. Concordamos todos, creio, que a ciência aplicada exerça sobre nós uma influência determinante, e que é contra ela que devemos projetar nos. Concordamos ainda que a ciência teórica é existencialmente inacessível. A sua afirmação de ser o seu argumento controlável objetivamente, dados os conhecimentos e instrumentos adequados, é uma afirmação insignificativa no nosso contexto existencial, já que esses conhecimentos e instrumentos são irrealizáveis. As conclusões da ciência pura passam a ser sentenças incontroláveis por nós, e a totalidade dessas conclusões num dado instante do argumento científico é incontrolável por qualquer intelecto humano. Acresce que essas sentenças da ciência pura não podem ser aceitas com fé, porque são vasadas em linguagem hermética e devem ser traduzidas para a língua cotidiana para poderem ser acreditadas. Uma consideração dessas traduções, que chamamos "ciência vulgarizada", demonstrou que as traduções introduzem elementos anticientíficos no argumento científico, e que é de vido a esses elementos que surge o cientifismo. Recusamos esse cientifismo como um método inadequado para o nosso projeto existencial contra a nossa circunstância, já que explica a nossa situação demasiadamente bem, ~~o que é prova de sua~~ <sup>lida</sup> irrefutabilidade, portanto insignificação e absurdidade. A segunda alternativa é a de dar as costas à ciência pura. Identificamos essa alternativa com a traição ao intelecto, portanto com uma fuga. Neste ponto da nossa análise da situação na qual nos encontramos restavam apenas, a meu ver, três caminhos a serem seguidos: o empenho na ciência pura como especialistas, isto é a decisão de abandonar a tentativa de uma visão abarcadora e a abdicação da existência como transcendência da circunstância, que é uma decisão e uma abdicação que é feita atualmente pela maioria. A decisão para o amadorismo esclarecido, que é um cientifismo crítico e sofisticado e que resulta em fragmentação frustrante e frustrada. E a decisão em prol de uma nova abertura pela qual nos possamos projetar contra nossa circunstância determinada em grande parte pela ciência aplicada. Tentei provar que essa terceira decisão não pressupõe um desinteresse pela ciência pura, mas apenas nega a <sup>essa</sup> ciência pura o direito de focalizar todas as tendências do meu empenho. A consideração dessa terceira decisão dedicarei a discussão de hoje.

Os senhores estarão lembrados que procurei caracterizar o clima, no qual decisões existenciais são tomadas, pelo termo "nojo". Disse que me decido a projetar-me contra a minha circunstância porque esta me causa nojo. Agora posso articular melhor este nojo. Encontro-me em circunstância altamente determinada pela ciência aplicada, encontro-me lançada em meio de alto-falantes e regulamentos de trânsito, de radionovelas e Institutos de Aposentadoria, e isto me causa nojo, porque vivo tudo isto como algo totalmente cheio de si mesmo e carente de significado. Aquilo que está por trás dessas coisas todas, e que sei intelectualmente ser a ciência pura, não me diz respeito existencialmente, já que não posso autenticamente alcançá-lo. O meu nojo dos instrumentos da ciência aplicada é o sintoma vivencial da incompetência da ciência pura como sistema referencial a dar significado à circunstância na qual me encontro. Em outras palavras: o meu nojo dos instrumentos prova para mim vivencialmente que a ciência é incapaz, a estas alturas, de me fornecer uma abertura para um projeto de vida. A minha decisão de me projetar contra a circunstância que me determina é, a estas alturas, uma decisão que supera a ciência como ponto de partida. Não era sempre assim na história da nossa sociedade.

de. A circunstância na qual se encontravam por exemplo os nossos avós, não provocava esse nojo dos instrumentos, e os projetos existenciais nessa circunstância podiam partir, como efetivamente partiram, de posições fornecidas pela ciência pura. Se for honesto, devo confessar que a estas alturas essa abertura está para mim fechada. Aliás, a vivência da pesquisa científica o comprova. Outra aventura e festiva, é atualmente planejada e tediosa. Pois é justamente este o sinal de um projeto autentico: passar do clima do nojo para o clima da aventura e festividade. A sensação que se apodera de mim depois de ter eu tomado uma decisão existencial, é a sensação do arriscar-se, do perigo. É aquilo que Rilke chama de "Wagnis". Na minha decisão de lançar-me contra a minha circunstancia arrisco tudo, porque me exponho ao aniquilamento. É isto confere a minha decisão o clima de aventura e festividade.

Os especialistas e amadores dos quais falei não se arriscem neste sentido. Estão pelo contrário bem integrados, "well integrated", fazem parte de um aparelho ou de outro, e isto prova vivencialmente que não se decidiram autenticamente. Mas o que dizer daqueles rapazes da rua Augusta que passam a cento e quarenta quilômetros por hora cortejando a morte? Não serão eles existencias decididas, já que se arriscam? Não creio que estão se arriscando, mas creio que estão fugindo. O arriscar-se não é, na minha opinião, um lance desesperado o fútil, mas uma aposta no sentido pascaliano. O clima de aventura e festividade resulta de um lance que arrisca tudo e está disposto a perder tudo na esperança de ganhar tudo. Os rapazes da rua Augusta nada esperam, e não são, a meu ver, existencias decididas neste sentido. Creio que a glorificação de Genet feita por Sartre pode ser refutada por este meu argumento, e que temos razão ao vivenciar Genet como um santo bem nojentinho. Acresce que a estas alturas do desenvolvimento da nossa situação não conseguem os rapazes da rua Augusta e Jean Genet nem ter aquele valor negativo que o ingles chama de "nuisance value", já que não espantam nem os burgueses.

A decisão autentica da qual estou falando acarreta um risco muito menos óbvio, já que é uma decisão tomada na solidão da intimidade. Nessa decisão íntima a existencia se projeta em busca do significado tomando como base o absurdo da circunstancia, e arrisca a perda dos liames que a prendem a essa circunstancia, portanto arrisca a totalidade daquilo que é, afinal, a sua realidade. Lembro neste contexto a famosa frase de Siddharta o Buddha ao receber a notícia do nascimento do seu filho: "Mais um elo a ser cortado". É aquele slogan socialista: "Nada tendes a perder a não ser as suas algemas". Quem não sente a vibração aventureira e festiva que acompanha este corte do nó gordico que nos prende a nossa circunstancia nojenta? Disse que a decisão existencial é tomada em clima existencial, em clima estético, chamado "nojo". Acrescento agora que este clima se modifica, pela decisão tomada, em outra vivência estética chamada "poesia". Se dermos um significado muito amplo ao termo "poesia", podemos dizer que uma decisão autentica é sempre uma decisão em prol de um projeto poetico da vida. Por ser, na nossa circunstancia, a ciencia uma disciplina altamente prosaisada, não permite, ou quase não permite, um projeto poetico de vida, a não ser que a perfuremos. Alguns dos nossos grandes cientistas ainda são poetas, porque perfuraram a ciência, ao emvez de empenharem-se nela. Deve ter havido um momento de decisão por exemplo no projeto de Heisenberg, pelo qual ele perfurou a ciência ao formular o principio de incerteza. Arriscou-se, e arriscou a ciência toda. Apostou-se e apostou a ciência num sentido pascaliano. Mas a ciência atual torna apostas quase impossiveis.

Permitam que tente descrever-lhes um pouco esse clima aventuroso e festivo que

**COPIA:** chamei de poesia. Voltarei para tanto a imagem do pote de mel, a qual recorri numa aula precedente. Estou mergulhado nesse pote e o mel se cola a mim do todos os lados e me causa nojo. Mobilizo todas as minhas forças, e num momento decisivo lanço-me para fóra do pote. Não sei para onde me lanço, nem sei onde me encontrarei, se é que me encontrarei jamais depois deste salto. Ma sinto que me lancei e que me estou projetando. Visto da compactidão massiva do pote estou me projetando pelo vazio do nada, mas sinto que tudo pode acontecer nesse nada. Sinto que este meu novo espaço está prenhe de virtualidades, prenhe de algo que não é nada mas que será algo quando eu me encontrar com ele. Abro-me, atento e "sur le qui vive", para poder inspirar esse algo e realiza-lo dentro de mim, para po-lo para cá e estabelece-lo em algo. É como se este espaço pelo qual me estou projetando tivesse estado sempre diante da minha mão, esperando por mim e pronto a ser realizado, mas tapado pelo mel que me prendia ao pote. Ao ter rasgado os fios doces que me prendiam a massa pegajosa, desvendei este espaço das potencialidades ilimitadas e inexauríveis. E estas potencialidades se precipitam sobre mim na ansia de serem realizadas. Por onde queira que extenda a minha mão, apreendendo algo ainda trémulo e plástico, já que recém surgido e haurido por mim do útero do nada. E tudo isto quer ser, e exige ser, urge para ser estabelecido por mim em ente. O meu espaço novo "west mich an", (me adenta) para recorrermos a uma expressão heideggeriana quase intraduzível. E eu então estabeleço estas virtualidades inarticuladas, permito que cheguem até a palavra, ("u Worte kommen") deixo "ser" estas potencialidades, ponho-os para cá na forma de versos. Os meus versos são estas potencialidades realizadas, articuladas, estabelecidas em entes. Versos são a minha marca que impúz, como existencia, sobre o vir\_a\_ser pelo qual me lanço. Verti em versos o inarticulado, converti o nada. Tornei conversável o nada. Abri uma passagem pelo abismo do nada, e esta passagem atesta o meu projeto. Ao ter realizado as virtualidades em versos, realizei-me. Estou realizado nos meus versos, tanto quanto está realizada neles a virtualidade que encontrei no meu projeto. A virtualidade que encontro no meu projeto é minha virtualidade. E o espaço pelo qual me lançod é essa vacuidade em mim mesmo que chamei, em aulas precedentes, o estar aqui para a morte. Hauri as virtualidades de mim mesmo, é de mim mesmo que exauri os meus versos.

Mas quando contemplo os versos que de mim e por mim se estabeleceram, sinto com uma espécie de calafrio que não os reconheço como sendo meus. Há algo de meu na sua estrutura, sem dúvida, e isto eu reconheço. Mas há neles ainda um algo, uma vibração misteriosa, um acorde, uma simpatia, que diz "das stimmt" (isto está de acordo). O meu verso vibra com a sua origem, é verdadeiro. Este algo que não reconheço no meu verso é o que se chama, comumente, de "conhecimento". Neste calafrio espantoso da situação poetica vivencio um aspecto da verdade. Não posso ir além dessa situação, não posso ultrapassar o verso para articular o inarticulado com o qual o verso vibra. O próprio verso é essa articulação do inarticulado. A virtualidade do qual o verso surgiu pode ser apreendida apenas no verso e pelo verso. O verso é meu limite. Se procurar forçar esse limite, mergulharei no inarticulado, no misticismo e na loucura. Foi é este justamente o risco que aceitei ao projetar-me; mergulhar no inarticulado e aniquilar-me. Esta a aposta que fiz: arriscar-me para estabelecer versos. Este o meu projeto.

*Ou, como dizem alguns poetas atuais: o "verso" é o concreto.*

Voltemos para o exemplo de Heisenberg que mencionei há pouco. Adaptando a minha descrição da poesia a este exemplo, direi o seguinte: Heisenberg mergulhou para o espaço das virtualidades e delas arrancou aquele verso chamado "princípio da incerteza". Imprimiu sobre uma virtualidade a sua marca e estabeleceu ela em verso, realizou essa virtualidade. Mas ao contemplar esse verso, deve ter sofrido um choque de espanto: o verso está certo. De onde vem esta aura, que dá a sensação da verdade? Não adianta procurar ir além do verso. Este se verte agora sobre a conversação daquele tipo chamado "mecânica quântica" para ser conversado. Será criticado, e prosaizado nesse processo. Será pouco a pouco incorporado àquela massa pegajosa que é a nossa circunstância, e será transformado de verso em prosa, em lugar comum, em verdade de Lapalisse, e finalmente em conversa fiada. Neste progresso perderá a sua aura original, que era o estampo da verdade. O seu esplendor original estará perdido. Mas ao ser incorporado o verso na conversação geral, terá sido incorporado, de certa maneira, Heisenberg como existência na circunstância que nos determina. Esta terá sido a realização de Heisenberg como existência em projeto: determinar a circunstância, ao emvez de ser por ela determinada. Este é o aspecto externo da poesia.

A minha descrição da poesia tem o defeito de ser poética ao emvez de crítica e prosaizante. É que estou empenhado, malgré moi, em esforço proselitizante. Pois é este o projeto de vida que me parece ser o único autentico e que estou portanto advogando. Isto obviamente não me exime de uma análise crítica e fria. Mas relevei esta tentativa para a próxima quinta feira. Queria hoje transmitir aos senhores de uma forma mais imediata como se me afigura este projeto. Permitam que lhes apresente algumas considerações em torno desse projeto. É óbvio que o que pretendo pelo termo "poesia" é muito mais amplo que o uso comum desse termo sugere. Abrange, na nossa situação atual, aquilo que chamamos de "artes", um certo tipo de filosofia, e certas fases extremas do argumento da ciência pura. E abrange, talvez, uma região muito mal definida que podemos chamar, por falta de um termo melhor, de religiosidade. São estas, a meu ver, as aberturas que a nossa circunstância, já tão fechada, ainda oferece para um projeto poético como aquele que tenho em mente. É nestes campos que ainda podemos projetar nos contra e para fóra da nossa circunstância para realizarmos. É, creio, efetivamente, o que está acontecendo. Somos testemunhas e participantes de um novo tipo de projetos existenciais que tendem a superar a circunstância tecnológica que nos cerca. Considerarei hoje, brevemente, apenas aquele campo que chamei de "arte" e farei isto de maneira resumida. Meu programa, neste curso, de discutir os fenômenos que se estão realizando nesse campo, mais demoradamente.

Considerem o que pretendo quando digo "arte". É um conceito moderno. Epocas anteriores ao Renascimento desconheciam o nosso significado do termo. Não havia então obras de arte nem artistas. Havia, isto sim, obras empenhadas e artesãos empenhados. Este empenho era em prol do significado transcendente da situação na qual as existências se encontravam. Na Idade média, por exemplo, este significado era Deus. O empenho em prol desse significado resultou em obras como o são as catedrais e os palimpsestos realizadas por artesãos dedicados ao transcendente. A qualidade estética que nós vivenciamos nessas obras é como que um acidente, é a busca da perfeição que por elas transparece atesta a busca da salvação, e não a da beleza. Com o Renascimento ficou retirado esse chão do transcendente pela dúvida discursiva. Em consequência bifurcou-se a atividade humana de forma tipicamente moderna.

De um lado procura transformar natureza em instrumentos que funcionam e chama a isto "técnica", do outro lado procura transformar natureza em obras de beleza e chama a isto "arte". Esta bifurcação se explica pela falta de significado que caracteriza uma natureza sem nada que lhe transcenda. A técnica e a arte passam a ser dois métodos de imprimir significado sobre a natureza, isto é humanizar a natureza. A meta da técnica é a transformação da natureza em parque industrial a servir a humanidade, e a meta da arte é a transformação da natureza em museu a divertir a humanidade do parque industrial insuportavelmente feio. Porque a bifurcação da atividade humana teve por efeito necessário aquela onda de feiura que são os instrumentos técnicos até o começo do século vinte. Aliás, trata-se talvez do único exemplo na história da humanidade no qual a atividade manipuladora resulta em feiura. E o outro efeito da bifurcação é igualmente necessariamente aquela qualidade lúdica, deliberada e fútil que caracteriza aquilo que chamamos "obras de arte" e aquele ar museal e poeirente que cerca a atividade artística durante a Idade moderna. A humanidade da Idade moderna encontra-se em situação alienada da sua circunstância, e a partir dessa situação transforma a sua circunstância em aparelho imaginário de um lado, e em museu imaginário do outro.

Pois essa situação tende a ser superada atualmente. Os limites entre técnica e arte tendem a borrar-se. Começamos a sentir novamente que se trata de sinónimos no fundo. E dessa nossa vivência está surgindo, pela primeira vez desde o gótico, o primeiro estilo de vida. Terei oportunidade, nas aulas futuras, discutir com os senhores o conceito do estilo, e de relacioná-lo com o conceito do projeto. Direi no presente contexto apenas que os estilos de arte que caracterizam a história da arte moderna têm todos o estampo da inautenticidade como projetos de vida, e que essa inautenticidade vai aumentando, a medida que essa história progride. O Renascimento como estilo artístico inicia a dança da progressiva auto-consciência da arte, que faz com que esta se torne sempre menos poética no sentido no qual empreguei este termo. O século 19 representa, nesse desenvolvimento, um verdadeiro triunfo. Estilos se seguem em sucessão febril, a ponto de se fundir o conceito do estilo com o conceito da moda. Pois a tendência atual parece quebrar essa dança. Parece que estilo artístico tende a fundir-se com estilo de vida e parece que a arte volta a ser uma abertura para os nossos projetos. Aquilo que chamamos de "artista" volta a ser, assim o parece, uma existência decidida e empenhada no projeto arriscado, festivo e aventureiro de abertura de caminho.

O ar está cheio de barulho em torno do conceito da arte empenhada. Gostaria de contribuir, com estas considerações, para o esclarecimento deste grande malentendido. O empenho artístico que a esquerda advoga é, com efeito, um empenho no humanismo, que é, por sua vez, um empenho no cientifismo. O artista empenhado no sentido esquerdista, é uma existência empenhada no significado transcendente chamado humanidade. Podemos observar o resultado estético desse tipo de empenho nas obras da chamada "arte realista". Mas a mim me parece que o verdadeiro empenho do artista na nossa circunstância atual é o empenho na busca de um significado. O artista empenhado no meu significado do termo é uma existência empenhada na busca do significado transcendente. Não se trata portanto de um l'art pour l'art, mas trata-se, pelo contrário, de uma arte como consequência da decisão de superar a circunstância na qual me encontro. Em última análise trata-se de uma arte como consequência da decisão de superar a tecnologia. Neste sentido não se trata mais de uma arte no sentido moderno do termo. Porque a decisão de superar a tecnologia é

> Não falari da direita, que me parece uma posição imprecisa.

eo ipso uma decisão de destruir as barreiras que separam técnica e arte. O empenho artístico autentico é, a meu ver, na nossa situação um empenho anti\_tecnológico, no sentido no qual era anti\_natural o empenho artístico na Grécia ou nas sociedades chamadas primitivas. Por não ver esse fato creio que está redondamente enganada a esquerda com sua estética, ou para recorrermos a uma terminologia que é cara a esquerda, direi que por não ver esse fato é reacionária a esquerda. Podemos ter a vivência dessa qualidade reacionária e obscurantista da arte empenhada nesse sentido errado do termo em qualquer visita a uma Bienal.

A presente aula tem um propósito muito limitado. Pretende servir de introdução a toda uma série de aulas que terão por assunto a discussão da influência da arte sobre a nossa situação, e a tentativa de analisar essa influência existencialmente. É óbvio que, dado este propósito, lancei na cara dos senhores uma porção de conceitos sem defini-los, e pedi, com efeito, um crédito muito grande a me ser aberto pelos senhores. Os senhores têm o perfeito direito de recusar esse crédito e dizer que simplesmente articulei afirmações ad hoc construídas. Prometo que procurarei tornar essas afirmações progressivamente mais plausíveis. Mas o que queria conseguir hoje é o seguinte: O nosso argumento anterior conduziu o nosso pensamento para uma situação na qual não parecia haver saída da situação que nos cerca. Parecíamos inteiramente determinados pelos instrumentos da ciência aplicada, e condenados a tornarmos paulatinamente funcionários desses instrumentos. O recuso à ciência pura foi demonstrado como existencialmente irrealizável, o cientifismo foi demonstrado como uma falsidade, e o anti\_cientifismo como uma fuga. Mas é possível lançarmo-nos contra a nossa circunstância sem recurso à ciência, e sem abandono do intelecto. É possível lançarmo-nos poeticamente contra aquilo que nos determina. Essa possibilidade é um risco. No projeto poético arriscamos o nosso intelecto, porque arriscamos o mergulho no inarticulado. Mas é um risco, se não calculado, pelo menos esperançoso, porque pode resultar em verso. É no verso sentimos a vibração da verdade, portanto os primeiros sinais de um significado. Havia situações nas quais sibilas e vates abriam o caminho para a conquista do encoberto. Havia outras, nas quais esses caminhos eram abertos por profetas e sacerdotes. Ultimamente tem sido os cientistas os que nos apontavam o caminho. Atualmente me parece que os nossos pioneiros são os poetas, no significado que pretendo dar ao termo "poesia". Somos uma geração em busca de significado. Estamos lançados em circunstância absurda. O nosso empenho autentico não pode ser em prol de um significado, já que não há significado. O nosso empenho tem que ser necessariamente em prol de uma busca de significado. Se o projeto existencial da poesia é um projeto arriscado, é, no entanto o único que nos é aberto. Aceitemos o risco.

COPIA